



## **“Filhos da Mãe...Terra”: a representação da luta pela terra no teatro popular do MST**

*“Sons of Mother...Earth”: the representation of the struggle for land in the popular theater of the MST”*

FERREIRA, Adriana A.  
UFRRJ e USP, [adrianaferreira@ufrj.br](mailto:adrianaferreira@ufrj.br)

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO-CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia**

**Resumo:** O estudo volta-se à produção teatral do MST, no Brasil, particularmente a experiência do grupo de teatro “Filhos da Mãe... Terra”, no Assentamento Carlos Lamarca, em Sarapuí/SP, e seus desdobramentos na organização cultural da comunidade, especialmente a Folia de Reis, tendo em vista a compreensão dos processos de construção de uma estética marginal que vai se compondo a partir das formas de resistência produzidas atualmente na periferia do capitalismo. Entende-se que as produções estéticas na luta pela terra, com destaque para a produção teatral, compõem o processo de produção da práxis, que é experiência humana livre e consciente, portanto, agroecológica. Faz parte da agroecologia, como processo cultural, a criação de formas simbólicas que represente dialeticamente os movimentos históricos de rupturas com as tradições opressivas e com o curso automático do tempo, a experiência consciente dos sentidos que se manifesta na luta permanente contra as formas abstratas de dominação e também no êxtase, nos afetos, nas festividades, na disposição de construir dia a dia um novo modo de existência.

**Palavras-chave:** agroecologia; cultura popular; teatro dialético.

#### **Introdução**

O estudo, iniciado em 2022, pelo projeto de pós-doutorado em Artes Cênicas, na Escola de Comunicação e Artes Cênicas (ECA), da USP, volta-se à produção teatral do MST, no Brasil, em particular, à experiência do grupo de teatro “Filhos da Mãe... Terra”, realizada no Assentamento Carlos Lamarca, em Sarapuí/SP, no período de 2003 a 2009, mapeando sua história de formação e sua experiência quanto às formas, temas e procedimentos teatrais. Além disso, buscamos visibilizar seus desdobramentos na organização cultural da comunidade, especialmente a Folia de Reis, tendo em vista os movimentos de elaboração estética de um tipo de resistência que, pelo seu conteúdo histórico, cultural e político, precisa ser refletida, nomeada e tornada autoconsciente.

Nesse sentido, busca-se a compreensão dos processos de construção de uma estética marginal, que represente as formas de resistência produzidas atualmente na periferia do capitalismo, tendo em vista a relação entre teatro e “mística”, na interseção entre o teatro dialético e o modo de organização cultural no MST, que emerge dos laços sociais orgânicos, a matéria da resistência, e pode ser aprofundada



no modo agroecológico de produção da vida, enquanto forma concreta de negação dos processos abstratos de dominação social.

## **Metodologia**

A pesquisa, em andamento, é bibliográfica, documental e de campo, considerando a necessidade de visitas ao Assentamento Carlos Lamarca, em Sarapuí/SP. Na produção teatral, tomaremos com referências iniciais as peças reunidas pelo Coletivo Nacional de Cultura do MST, a Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré, particularmente as peças produzidas pelo grupo teatral “Filhos da Mãe... Terra”, além dos registros informais das memórias das reuniões, estudos, ensaios e apresentações em documentos audiovisuais e escritos que guardam a história da experiência teatral e também da festa popular, a Folia de Reis, que tem origem nas atividades organizadas pelo grupo de teatro.

As visitas ao Assentamento Carlos Lamarca, em Sarapuí/SP são realizadas – considerando as orientações normativas de ética em pesquisa com seres humanos – a partir da mediação dos participantes do grupo teatral, buscando uma aproximação com as formas de comunicação oral da comunidade, a escuta de suas memórias e a compreensão de seus modos artesanais de transmissão cultural, o elo afetivo de comunicação entre gerações que assume formas diversas de linguagem. Serão realizadas entrevistas individuais, tendo como base o roteiro semi-estruturado, que segue como apêndice. Será organizado também grupo focal, reunindo os participantes do grupo teatral, procurando diferenciar entre os que estiveram desde o Acampamento e têm a memória das ocupações e os que iniciaram já no Assentamento, como também os que participam hoje da Folia de Reis. Assim, buscaremos uma aproximação com as narrativas relacionadas aos processos de transmissão oral, ainda que a memória dos laços que os une apareça em um enlace “indizível”, que se costumou nomear “mística”.

Considera-se que nesta aproximação faz-se necessário acessar os recursos diversos utilizados nas representações do teatro dialético, tais como literatura, música e outros elementos da cultura popular, necessários para a expressão cênica da simbologia capaz de “resgatar, representar e imaginar” (BOGO, 2002, p. 134), que, nas palavras de Ademar Bogo, são características básicas a serem desenvolvidas nas “sessões de mística”, apresentadas nos encontros e reuniões.

A aproximação com a realidade requer uma relação de respeito e distanciamento, no sentido de se estabelecer uma “comunicação dialética” com a comunidade, sem conduzir um tipo de interpretação sobre as histórias ouvidas, mas ao mesmo tempo procurando decantar o que se quer dar visibilidade e que demanda a percepção do que está contido nessas histórias e se deseja celebrar, memórias que têm origem nas reminiscências, estas que se situam nas instâncias de passagem, atos de improvável liberdade, que escapa a todas as formas de generalizações, situando-se no lugar da fronteira, do movimento, da recusa e resistência. É o entrelaçamento



dos fios dessas reminiscências que as gerações vindouras devem revigorar, ato que recompõe a unidade ética e estética da liberdade, sensibilidade e entendimento.

## Resultados e Discussão

A história da comunidade, hoje formada por cerca de sessenta famílias, organizadas em quarenta e sete lotes de terra, tem início com a ocupação em 1996, no município de Alambari/SP, na Fazenda Cercadinho. Ali foi se constituindo a organização dos acampados no território, com base na formação dos grupos de cooperação horizontal que passaram a estruturar a atividade produtiva cotidiana no acampamento. Depois de mudanças de percursos, decorrentes de despejos sofridos, o acampamento seguiu para a estrada de Itapetininga/SP, na antiga Fazenda Monjolo, que passou a compor, no período de 1998 a 2000, o Assentamento Carlos Lamarca. Por estar situado mais próximo do município de Sarapuí/SP, sendo esta a referência urbana mais acessada pela comunidade, a localização do assentamento é usualmente remetida à proximidade desta cidade.

Desde o período do acampamento, quando foi formado o grupo de jovens, JULPI (Jovens Unidos Lutando Por Igualdade), que teve por objetivo a auto-organização da juventude acampada para a produção cultural, procurou-se condições para a produção de experiências culturais e políticas que consolidasse o laço orgânico de unidade da juventude. Naquele contexto, o tipo de experiência que mais produziu esse enlace foi estético, a partir das experimentações teatrais.

O período de reuniões acontecia semanalmente e eram compostas por discussões de algum tema, como a violência nas suas diversas esferas (sexual, racial, social), o acampamento, a realidade de cada integrante antes de ingressar no MST, entre outros, todos escolhidos pelo grupo numa reunião anterior àquela, também era constituída por dinâmicas para reflexão do dia-a-dia de cada um e cada uma, além de outras discussões relacionadas ao acampamento, e depois ao assentamento (metodologia de reunião baseada e adaptada das experiências de jovens que participavam de outros grupos de jovens antes de ingressarem no MST). Estas, por diversas vezes, eram feitas através de pequenas representações teatrais, onde dividia-se em subgrupos para a preparação das mesmas, e depois seguia as discussões relacionadas ao tema e às apresentações, feitas por todos os participantes. Estas representações, que serviam como forma das pessoas perceberem o que acontecia a sua volta, eram peças feitas para um público pequeno e ciente da discussão proposta, por isso conseguia atingir um alto grau de reflexão, fazendo com que as mesmas participassem mais ativamente do grupo, como um todo. (SILVA, 2004, p. 16)

Após a passagem do acampamento para o assentamento, houve a necessidade de se recompor a organização do grupo de jovens, uma vez que as mudanças no território de moradia e na forma de organização do tempo em torno do trabalho afetaram os processos de produção da experiência social comum, a matéria da vida pública. Por isso, em 2002, houve a necessidade de se reconstituir a organização cultural do assentamento e a experiência teatral foi o elemento estruturante desse processo, tendo em vista a memória da participação criativa da juventude nas



representações teatrais produzidas nos acampamentos. Neste sentido, o teatro poderia cumprir uma função estética com o potencial de se ampliar para os processos de organização da vida em comunidade, tendo como matéria os sonhos de liberdade e o instante dialético que abre, na falha do curso automático da história, um tempo indeterminado, saturado de possibilidades emancipatórias.

O movimento inicial foi buscar uma interlocução com a Companhia do Latão, grupo teatral de São Paulo, que se tornou uma referência para os jovens do assentamento depois de terem assistido a apresentação de duas peças, “Santa Joana dos Matadouros” e a “A comédia do trabalho”. Com base na obra de Brecht, a Companhia do Latão, que surge em meados dos anos 1990, tem uma trajetória que procura elucidar em suas obras próprias o caráter histórico dos processos sociais coisificados, esse concreto abstrato que se manifesta na objetividade social pelas práticas humanas, de modo que a crítica das formas abstratas de dominação deve ser a crítica da vida social concreta. Deste modo, o teatro épico torna possível, nas palavras de Sérgio Carvalho (2009), “concretizar negativamente o processo social de coisificação”, a fim de se abrir um campo dialético entre realidade e ação humana. Nesse movimento, o teatro de Brecht manifesta a forma que caracteriza a viragem subversiva da experiência humana nas instâncias de passagem, nos desvios que interrompem o ato contínuo da história, quebram as tradições opressoras e refazem o terreno concreto propício ao impulso dos atos criativos. O teatro dialético torna cognoscível o limiar oscilante entre o inerte e o movimento, a partir de formas concretas.

No Assentamento Carlos Lamarca, a experiência teatral do grupo “Filhos da Mãe... Terra” propiciou o desenvolvimento de três peças: “Posseiros e fazendeiros”, sendo a primeira versão produzida em 2004 e a versão final em 2007; “Por estes santos latifúndios”, em 2005, e “A farsa da justiça burguesa”, escrita por Sérgio Carvalho, encenada em Brasília, compondo um dos momentos do Teatro Procissão que acompanhou a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, realizada em 2005, de Goiânia e Brasília. Os processos de estudo, elaboração e ensaio das peças no assentamento tiveram desdobramentos para além do teatro, especialmente a partir das oficinas de música que reuniram a comunidade, nas diversas gerações, para as aulas de viola e violão, onde teve início a rememoração das cantigas populares tradicionais que passaram a embalar a Folia de Reis, festa que se tornou celebração anual da comunidade desde 2004, unindo, inclusive, comunidades localizadas ao redor do assentamento. A “mística” da festa, aqui entendida como atividade humana produtiva, é a manifestação cultural compartilhada no território de moradia, o encontro de todas as gerações, celebrando seus costumes nas músicas, nos enfeites, nas danças, no preparo dos alimentos, fazendo da festa também uma forma de celebração e transmissão de uma tradição libertária.

A produção cultural de resistência forma uma relação dialética com as tradições populares, ao mesmo tempo em que a toma como referência e ponto de partida, para o início de algo novo no campo da práxis, faz parte da práxis a ruptura com os aspectos opressivos dessas tradições. Deste modo, a sensibilidade estética no MST



nasce no processo de produção da resistência, na experiência compartilhada que refaz a esfera pública da vida social.

O saber sensível é produzido na materialidade da vida “como, por exemplo, o aprendizado de fazer e alinhar os barracos nos acampamentos, ou a organização das filas nas marchas.” (BOGO, 2002, p. 142) A experiência afeta a sensibilidade intuitiva que marca os corpos em movimento, formando um conteúdo a que recorrem fundamentalmente nos momentos em que buscam no teatro formas de expressão da “mística”. Por outro lado, quando a experiência já não suscita o aprofundamento da sensibilidade estética, o teatro dialético possibilita atribuir concretude negativa a processos de desradicalização, especialmente na passagem dos acampamentos para os assentamentos. No entanto, do ponto de vista do materialismo histórico, o ser social sempre antecede a consciência, de modo que “o desenvolvimento da consciência social, como o desenvolvimento da mente de um poeta, jamais pode ser, em última análise, planejado.” (THOMPSON, 1998, p. 304).

Faz parte do próprio processo de produção da práxis, que é um processo cultural, a criação de formas simbólicas que represente o imediatamente vivido, a experiência dos sentidos que se manifesta na luta permanente contra as formas abstratas de dominação e também no êxtase, nos afetos, nas festividades, na disposição de construir dia a dia um novo modo de existência, o que – a partir de uma leitura da obra de Marcel Mauss – podemos elaborar como tradição organizada de forma consciente. É uma forma de organização da memória coletiva, de elaboração e registro de sua história, “são conscientes aquelas tradições que consistem no saber que uma sociedade tem de si própria e de seu passado mais ou menos imediato”. Nas palavras de Mauss (2009, p.114), as tradições são transmitidas primeiramente a partir do que há de empiricamente fundado, assim como “toda arte apresenta-se, antes de tudo, como ‘receitas’, ‘segredos’”. “Tudo isto é representado como inventado pelos antepassados, revelado pelos deuses, mas é também conhecido como fundado na história e verificado pela experiência, pela embriaguez, pelo êxtase, pelo sucesso do alimento, pelos efeitos sensíveis da técnica.”. Falamos da narrativa de um tipo de experiência que não esteja relacionada a automatismos, mas a um movimento permanente de “reeducação dos sentidos”, em que o vivido seja de fato sentido e nomeado de modo consciente.

## **Conclusões**

A luta pela terra tem o potencial de estender esta perspectiva emancipatória a todas as dimensões da vida social e da formação humana, tendo início na produção dos artigos de consumo imediato para suprir necessidades elementares de sobrevivência. A tradição da agricultura camponesa forma as bases da agroecologia que se objetiva na produção de alimentos saudáveis combinada com a preservação do ambiente natural, apontando para o princípio de uma nova forma de sociometabolismo entre homem e natureza. Também no preparo e consumo dos alimentos é resgatado o conhecimento popular sobre suas propriedades nutricionais e medicinais. Esses são alguns dos aspectos da produção de uma coletividade



cultural em que são reconstruídas as tradições do modo de vida camponês, celebradas nas colheitas e festas de rememoração de atos e acontecimentos que são a história do movimento.

Nesse movimento, o teatro de Brecht manifesta a forma que caracteriza a viragem subversiva da experiência humana nas instâncias de passagem, nos desvios que interrompem o ato contínuo da história, quebram as tradições opressoras e refazem o terreno concreto propício ao impulso dos atos criativos. Esse tipo de sensibilidade estética é pulsão originária da vida sendo feita e refeita obra de arte, a “mística” dos atos apaixonados que ganha forma nas imagens resistentes ao caos e ao tempo, reminiscências, “espaço intemporal entre passado e futuro”, nas palavras de Hannah Arendt, onde se rompe o fio da tradição, pois não é recebido como herança, mas descoberto como “algo inteiramente desconexo” (ARENDR, 2013, p. 32-32). Como, então, atribuir concretude ao que, em tempos de barbárie, a tradição não pode referenciar e nomear? É nesses sentidos que as produções teatrais podem ser uma forma de se transmitir como herança cultural um tipo de experiência, agroecológica, que guarda a aura dos atos de autonomia, rupturas e liberdade.

### **Agradecimento**

À comunidade do Assentamento Carlos Lamarca, do MST, em Sarapuí/SP.

### **Referências bibliográficas**

ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. 1. Reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 31-32).

BOGO, Ademar. *O vigor da mística*. São Paulo: Associação Nacional de Cooperativa Agrícola, 2002.

CARVALHO, Sérgio de. (org.) *Introdução ao teatro dialético: experimentos da Companhia do Latão*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Teatro e transformação social*. v. 2. Teatro épico. Caderno de Artes, Rede Cultural da Terra, São Paulo: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, 2007.

SILVA, Maria Aparecida da. *O papel do teatro na organização dos jovens do Assentamento Carlos Lamarca-SP*. Trabalho de Conclusão de Curso, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, Instituto de Educação Josué de Castro, Veranópolis/RS, 2004



THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.